

Mia Couto e a poética da diversidade

Mia Couto and the poetics of diversity

Leila de Aguiar Costa
UNIFESP

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2024.e98406>

Resumo

A leitura que aqui se propõe de *O mapeador de ausências* e de *Terra sonâmbula*, do autor moçambicano Mia Couto, tomará como *motus* hermenêutico uma variedade de epígrafes que emolduram as duas narrativas e que indiciam o que a teoria pós-colonial, aquela sobretudo enunciada pelo martinicano Édouard Glissant e pelo camaronês Achille Mbembe, entende por poética da diversidade. Isso significa dizer que o sujeito moçambicano que se encena em *Mapeador de ausências* e em *Terra sonâmbula* é aquele atravessado e habitado pelo Diverso, mergulhado uma errância que institui o diálogo entre o Eu e o Outro.

Palavras-chave: diversidade; pluriverso; identidade; rizoma; errância.

Résumé

La lecture ici proposée de *Mapeador de ausências* et de *Terra sonâmbula*, de l'auteur mozambicain Mia Couto, aura como *motus* herméneutique une variété d'épigraphes qui encadrent les deux récits et qui énoncent ce que la théorie post-coloniale, celle surtout énoncée par le Martiniquais Édouard Glissant et par le Camerounais Achille Mbembe, appelle une poétique de la diversité. Cela veut dire que le sujet mozambicains que l'on met en scène dans *Mapeador de ausências* et dans *Terra sonâmbula* est celui traversé et habité par le Divers, plongé dans une errance qui institue le dialogue entre le Je et l'Autre.

Mots-clés: diversité; pluriversité; identité; rhizome; errance.

Ler transversalmente *O mapeador de ausências* e, aqui e acolá, *Terra sonâmbula*, narrativas compostas por Mia Couto, supõe descobrir como em ambas a questão da identidade surge, se não em um contexto de confronto, naquele de relação com o diverso, com o diálogo, nem sempre pacífico, entre diferentes culturas. Tal identidade construir-se-ia graças à representação da figura de um moçambicano que está sempre em processo ambivalente de encontro com o que é de fora. Por isso mesmo, é o *motus* do diverso que permite reler – e, por que não, repensar – a história a partir da ficcionalização da condição do homem contemporâneo, desse homem moçambicano atravessado pelo colonialismo, pela guerra civil, pelas culturas diversas e pelo capitalismo. Nesse sentido, é, pois, incontornável apreender a questão de identidade em chave de mutação, de troca, de crise, tanto mais porque o sujeito não é mais unívoco, uno, idêntico. Vale por isso mesmo observar que as influências sofridas em/por Moçambique durante o período do colonialismo e o novo universo aberto para o exterior introduziram a modernidade e impuseram uma nova mentalidade, aquela trabalhada pela miscigenação de culturas, de pensamentos, de identidades e de crenças que apresenta o outro como um igual, e, por isso mesmo, não mais como um inimigo, independente de raça, de cor ou de religião. Eis porque é possível afirmar que esse registro da diversidade e da relação desenha uma espécie de *devir-moçambicano*.

Importa lembrar o que o próprio Mia Couto, em conferência proferida no Brasil em 2015, e em registro do que parece ser eco de teorias pós-coloniais propostas, entre outros, por Édouard Glissant e Achille Mbembe (cujas obras serão aqui e acolá mobilizadas), observa sobre tal diversidade – que ele chama bastante apropriadamente de pluriversidade

As fronteiras naturais não fecham, elas foram feitas, são entidades orgânicas, vivas, permeáveis. O problema é que nosso pensamento, ao contrário dessas entidades vivas, facilmente se encerra em si próprio e nós não sabemos fazer paredes vivas e permeáveis e erguemos paredes inteiras como se fôssemos tucanos secos. Erguemos fortalezas onde deveriam haver pontes. E aprendemos a nos demarcar do outro, do estranho como ameaças, mesmo que a gente não saiba [...] e vivemos em estado de guerra com essa alteridade que existe dentro de nós e dentro dos outros [...] O pluriverso, o diverso foi construído com a lógica da mudança, com a lógica do caos, com a lógica do imprevisível também (Couto, 2015).

Ainda na mesma conferência, Mia Couto afirma que “precisamos de novas fábulas para nos conciliarmos com estes que vivem dentro de nós [...], que precisamos de uma forma radical para repensarmos o próprio pensamento, para repensar essas outras fronteiras, mais próximas da vida, mais abertas, mais permeáveis” (Couto, 2015).

Isso significa dizer que a identidade passa necessariamente pelo encontro com o outro, ou, como afirma Mia Couto (2015) ainda na mesma conferência, pela perda de si mesmo “para se reencontrar no outro”.

Vejam então como se desenha a identidade construída pelo diverso em *O mapeador de ausências* e, lateralmente, em *Terra sonâmbula*. O que sobretudo reterá nossa atenção são as epígrafes que abrem os diversos capítulos. Faremos por isso mesmo a hipótese teórica de que estas epígrafes, aparato paratextual incontornável, são espécies de moldura que balizam a exegese que se deve proporá dos textos.

Antes disso, entretanto, permita-se algumas breves notas sobre *O mapeador de ausências*, texto publicado em Portugal em 2020. Observe-se inicialmente que essa narrativa é fortemente marcada por forte hibridismo poético. Ali, histórias de Moçambique pré-independência e pós-independência são enunciadas por diferentes e diversos narradores

– narradores em diálogo direto ou indireto uns com os outros. Histórias contadas pela interposição de cartas, diários, anotações, declarações, depoimentos (alguns dados à polícia), “apontamentos autobiográficos”, “papéis do pida” – Polícia internacional e de defesa do Estado, isto é, a polícia política portuguesa a serviço do fascismo, do Estado Novo inaugurado com Salazar que atuou entre 1945-1969 – etc. Convém igualmente lembrar que *Terra sonâmbula*, publicada em 1992, inscreve-se nesse hibridismo *poiético*: ali, trata-se de história(s) contada(s) por Muidinga, o menino amnésico (não por acaso) e ouvida por Tuahir (que não sabe ler), e por Kindzu, por seus “cadernos” – 11 no total. História(s), pois, do eu e do outro intercaladas, história(s) de vários sujeitos... narrada(s) em primeira e em terceira pessoas. Tal hibridismo narrativo colabora, parece inegável, com o hibridismo dos sujeitos, com aquela permeabilidade das fronteiras e das paredes de que falava Mia Couto em sua conferência. Esse hibridismo põe igualmente em cena um sujeito multifacetado, mesmo quando ele é o moçambicano que foi colonizado e oprimido; mesmo quando ele é o português que lutou, pegando em armas pela independência de Moçambique, ou quando é o português opressor e fascista; e mesmo quando ele é moçambicano e colaborou com a repressão portuguesa e, posteriormente, com a repressão moçambicana aos que não eram marxista-leninistas.

Por isso mesmo, em certo momento da narrativa (capítulo 21) de *O mapeador de ausências*, lê-se/ouve-se o diálogo entre Benedito, preto, que trabalhava na casa de emigrantes portugueses (do poeta Adriano Santiago) e que, depois da independência e da guerra civil, assume um posto no governo, e Diogo Santiago, jornalista e poeta português que regressa a Moçambique em busca de seu passado:

— Por vezes penso no passado com culpa: estiveste em nossa casa, eras uma criança e fizemos-te trabalhar. Agora, estaríamos presos como promotores do trabalho infantil.

— Vai ter que desculpabilizar sozinho – afirma Benedito. — Cá eu não me sinto vítima. Antigamente só tu eras mezungo¹. Eu e tu agora somos da mesma raça: somos moçambicanos (Couto, 2021, p. 243).

Passe-se, doravante, à leitura analítica de algumas epígrafes de *O mapeador de ausências*. A primeira delas, primeira do texto aliás e do primeiro capítulo (Couto, 2021, p. 9), é um haicai emprestado de Jorge Luis Borges. Ela aponta para tudo quanto nessa narrativa se produz de traços, de rastros, de marcas, de elementos que sobrevivem ao passado, ao presente e que, por isso mesmo, abrem-se para o futuro.

É um império
Aquele luz que se apaga
ou é um vagalume?
Jorge Luis Borges

A epígrafe apontaria para uma intermitência, isto é, para aquilo que para e recomeça sem cessar, para aquilo que é feito de intervalos, de interrupções e de recomeços, e de renascimentos (aparecer, desaparecer, reaparecer, redesaparecer). O passado, o presente e o futuro trabalham naquele viés do imprevisível de que falava Mia Couto em sua conferência. Tanto mais porque os vagalumes são uma espécie de ressurgentes, são sobreviventes e fantasmas, espectros. Os vagalumes, à semelhança dos sujeitos que se deslocarão ao longo da narrativa de *O mapeador de ausências*, são como corpos poéticos sempre a dançar, a relampejar, a fulgurar. Vagalumes são como clarões erráticos, mas clarões vivos. E que, apesar de tudo, aparecem, reaparecem como novidade remanescente. Vagalumes que reafirmam a importância da errância, pois que, erráticos, retiram-se do mundo para voltar a dele participar, e tudo isso sem se fechar, sem se isolar, se levantar paredes. A imagem dos vagalumes insinuaria que se deve assumir a liberdade

1 O termo mezungo vem de mzungu que, em nianja, uma das 20 línguas oficiais de Moçambique, quer dizer “indivíduo branco”.

do movimento, a retirada que não seja fechamento sobre si, a força diagonal, a faculdade de fazer aparecer parcelas de humanidade, o desejo indestrutível. Todo sujeito deveria, por conseguinte, tornar-se vagalume e, assim, formar novamente uma comunidade do desejo, uma comunidade de lampejos emitidos, de danças, de pensamentos a transmitir². Por que não afirmar que uma epígrafe dessa natureza indiciaria que se deve ler *O mapeador de ausências* como uma narrativa híbrida, em que relampejam sujeitos, línguas, linguagens, vivências e escrevivências³?

Leia-se a seguir, respectivamente, as epígrafes dos capítulos 5 e 6 – páginas 70 e 84 respectivamente –:

Lao Tsé escreveu:
a lembrança é um fio que nos condena ao passado.
Talvez seja o oposto:
lembrar é o melhor modo de fugir ao passado.
Adriano Santiago

*

Não desenterres o passado.
Podes encontrar um futuro morto.
Adriano Santiago

A epígrafe do capítulo 5 apontaria para o *carrefour* dos tempos, para uma temporalidade que, na verdade, é aquela do entre-tempo e do entre-lugar. Essa epígrafe enunciaria que o passado é uma visão profética, isto é, aquela que prepara um outro presente e um novo futuro. Aqui, essa visão deve passar pelo livro que Diogo Santiago deseja escrever “—Vim em busca

2 A leitura aqui proposta convoca, de modo livre, alguns motivos do texto de Georges Didi-Hubermann, intitulado *Sobrevivência dos vagalumes* (Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011) que, por sua vez, é inspirado do célebre artigo do cineasta italiano Pier Paolo Pasolini intitulado “O artigo dos vagalumes” e composto em 1975.

3 Assinale-se que muitas das histórias são contadas em primeira pessoa, embora todas elas sejam ficcionais: “Essa narrativa ficcional foi inspirada em pessoas e episódios reais. Por outras palavras: neste livro, nem gente, nem datas, nem lugares têm outra pretensão que não a de serem ficção” (Couto, Nota do Autor, 2021, p. 7).

do meu passado, estou a escrever um livro” (Couto, 2021, p. 95). Um livro que, descobrir-se-á o final da leitura de *O mapeador de ausências*, será escrito pela personagem Liana, com seus fantasmas e suas sombras e de tantos outros. Liana, lembre-se, é aquela que acompanha Diogo pelas terras moçambicanas.

Gosto do título *O mapeador de ausências*. E é dedicado a si, meu caro Diogo. Escute, vou ler a dedicatória:

‘Em tempos antigos, os chamados ‘guardiões do fogo’, em momentos de chuva e vento, arqueavam o peito sobre um punhado de chamas que traziam entre as mãos. Defendiam com a própria vida esse pedaço quente e luminoso de eternidade. No nosso tempo há outros que são escolhidos para guardar um outro fogo: a história do que fomos e de quem somos. Esses anónimos guardiões das histórias buscam, entre os escombros, a palavra redentora. Eles sabem: tudo o que não se converte em história se afunda no tempo.

Este livro é dedicado ao poeta Diogo Santiago, esse guardião de histórias que carrega ausências e silêncios como se fossem sementes’ (Couto, 2021, p. 278-279).

“Lembrar”, como diz a epígrafe do capítulo 5, é escrever histórias e reinventar a História; ou, como afirma Gilles Deleuze, história(s) e História que não são senão fabulação, essa fabulação “capaz de inventar um povo” (Deleuze, 2011, p. 14). O passado do qual se foge quando dele se lembra ajuda na reconstituição de um presente e na construção de um futuro. Vale chamar a atenção, na última frase da narrativa proferida pela voz de Liana, para o termo “sementes”: sementes indiciariam tudo aquilo que é pleno de possibilidades de revelar o que permanece oculto.

Permita-se aqui abrir um parêntese e reproduzir passagens que, em *Terra sonâmbula*, apontam para a relevância dessa fabulação, da presença incontornável e imprescindível das estórias para o encontro do Eu com o Outro, para a relação do Eu com o Mundo – Édouard Glissant, por exemplo, entende que aí se delineia o Todo-o-Mundo, que nada mais é do que a “co-

presença nova dos seres e das coisas, o estado de mundialidade no qual reina a relação”, como se pode ler no site <http://edouardglissant.fr/toutmonde.html>. Estórias que são encantamento, *phantasia*, sonhos. A primeira delas põe em cena Farida (personagem dos cadernos de Kindzu), mulher que chega a uma Missão cristã e pede a uma freira que lhe conte “estórias!”:

A freira se surpreendeu. A visitante lhe explicou: queria saber notícias do mundo, ouvir as cores desse longe em que seus *sonhos* teimavam. *Pouco importava que fossem ou não verdade*. A freira, então, se demorou em desfiadas *estorinhas* como se adivinhasse sua carência de *fantasia*. Quando se calou, o sol se inclinava na varanda da tarde. A terra sofria a inundação do poente, os campos se cultivavam de poeira-laranja (Couto, 1992, p. 88, grifos do autor).

A segunda aponta para o encantamento que acomete Tahir, ele que não sabe ler, ao ouvir estórias que lhe são contadas:

O velho pede então que o miúdo dê *voz* aos cadernos. Dividissem aquele *encanto* como sempre repartiram a comida. Ainda bem você sabe ler, comenta o velho. Não fossem as leituras eles estariam condenados à solidão. Seus devaneios caminhavam agora pelas letrinhas daqueles escritos [...] O velho se recriava [...] (Couto, 1992, p. 150-151).

A terceira, um diálogo entre Kindzu e seu pai, confirma que estórias, *phantasia*, sonhos são todos uma mesma e imprescindível coisa para a constituição dos sujeitos:

- O que andas a fazer com um caderno, escreves o quê?
- Nem sei, pai. Escrevo conforme vou sonhando.
- E alguém vai ler isso?
- Talvez.
- É bom assim: ensinar alguém a sonhar
- Mas pai, o que passa com esta nossa terra?
- Você não sabe, filho. Mas enquanto os homens dormem, a terra anda a procurar.
- A procurar o quê, pai?

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

— É que a vida não gosta sofrer. A terra anda a procurar dentro de cada pessoa, anda juntar os sonhos. Sim, faz conta ela é uma costureira dos sonhos (Couto, 1992, p. 197).

Por que não afirmar que, com estes exemplos, está-se em pleno registro daquela fabulação que inventa o mundo e seus sujeitos e os coloca em relação, mesmo que no interior do Diverso?

Feche-se o parêntese e volte-se a *O mapeador de ausências*. E à possibilidade que ali se delineia de, ao escrever o passado, deparar-se com um “futuro morto” – o que aí se enuncia, é preciso contextualizar, é o passado da sangrenta guerra civil, da qual participou, como militante da Frelimo, o pai do protagonista Diogo Santiago, pai que escreve algumas das epígrafes. Eis porque a epígrafe do capítulo 6 aponta para o fato de que o passado recomposto dá visibilidade ao que foi, ao que ocorreu, e isso nem sempre tem a ver, no caso de Moçambique, com os portugueses. Pode também ser de responsabilidade dos moçambicanos que se envolveram em uma guerra fratricida por 16 anos. Epígrafe que enunciaria contradições, fraturas. Lembre-se, por exemplo, que após a independência e a guerra civil, aqueles que eram antigamente os colonizados e os oprimidos jogam, agora, “golfe” – como o colonizador, como o opressor (capítulo 9). O Sujeito que aí se refaz e para si escreve outra história inventa uma outra história, sobretudo porque essa nova e refeita história se fez em contato com o Outro, com os Outros, oriundos de diferentes culturas, de diferentes pensamentos, de diferentes éticas, e assim por diante.

Por isso mesmo não surpreende, na sequência, a epígrafe do capítulo 17 (página 223) emprestada do Livro do Desassossego, de autoria de Bernardo Soares, semi-heterônimo de Fernando Pessoa.

Encontro às vezes na confusão das minhas gavetas, papéis escritos por mim há dez anos,

há quinze anos, há mais anos talvez.
E muitos deles me parecem de um estranho,
desreconheço-me neles.
Houve quem os escrevesse, e fui eu. Senti-os eu,
mas foi como em outra vida, de que houvesse
despertado como de um sonho alheio.

Não haveria, pois, como escapar da perspectiva teórica de Glissant que propõe o *motus* da relação entre os sujeitos, entre o Eu e o Outro que se intercambiam; que, mesmo, perdem-se um no outro para ser um sujeito diverso. Trata-se inegavelmente de um sujeito que está sempre em mutação, de um sujeito permeável; de um sujeito que acolhe o Outro sem entendê-lo como uma “ameaça”; de um sujeito que precisa dessa alteridade “que existe dentro de nós e dentro dos outros”. Mais ainda, e aí Bernardo Soares e Mia Couto estão em pleno diapasão: trata-se, em Moçambique, ou, na verdade, em quaisquer outros lugares, e em quaisquer lugares que se tornaram fabulação, de “perder-se de si mesmo para se reencontrar no outro”, para repetir a bela frase de Mia Couto em sua conferência. E, mais uma vez, a porta que se abre é aquela da fabulação, a única capaz, repita-se Mia Couto, de “nos reconciliar com estes que vivem dentro de nós”. “Estes” que mataram e que morreram em nome dos portugueses (no período colonial) e em nome dos moçambicanos (no período de guerra civil). Mas que só se tornaram da mesma raça, isto é, moçambicanos, após confrontos e fraturas; e que, afinal, acolheram uns aos outros sem totalitarismos e hierarquias. A cena que então se desenha e se enuncia em *O mapeador de ausências* – e em *Terra sonâmbula* – é aquela de um caos-mundo, aquele caos-mundo definido por Glissant (2005, p. 98) como “o choque, o entrelaçamento, as repulsões, as atrações, as conivências, as oposições, os conflitos entre as culturas dos povos na totalidade-mundo contemporânea”.

Proponha-se ainda a leitura de duas epígrafes iniciais, isto é, daquelas que emolduram o primeiro e terceiro capítulos, páginas 10 e 44 respectivamente.

Elas insinuam como o autor extratextual Mia Couto entende a ficção e as possibilidades abertas pela ficção – e lembre-se de passagem emprestada da Nota do Autor de *O mapeador de ausências*. Reproduza-se abaixo as duas epígrafes, respectivamente aquelas do capítulo 1 e do capítulo 3:

Toda a minha vida foi um ensaio
Para o que nunca chegou a acontecer
Adriano Santiago

*

Habito o mundo
quando me esqueço que existo.
De nada vale a geografia:
Uma outra cidade me habita.

Quando vierem demolir os bairros,
não encontrarão a casa que foi minha.
Essa casa mora em mim.
Essa ruína sou eu.
Adriano Santiago

A primeira epígrafe viria consolidar tudo sobre o que se tem aqui sugerido como leitura: o que se insinua em *O mapeador de ausências* é da ordem do devir, do devir-homem, do devir-sujeito e, especificamente, do devir-moçambicano. Desse devir que, como já se pôde apreender, confunde-se com aquilo que está para acontecer, que conclama à construção no registro da permeabilidade, das variáveis, das intermitências. Nunca se é propriamente, porque os “fora”, as “lateralidades” estão atravessadas por tudo quanto não se pode prever. E por que se trata de algo que “nunca chegou a acontecer”? Porque o que se narra em *O mapeador de ausências* são os caminhos e os descaminhos de uma errância por um Moçambique sempre em mutação e, por isso, mesmo, habitado por sujeitos errantes e erráticos sempre em mutação. Segundo Glissant, aliás, a errância é marca inegável da dimensão de “Todo-o-Mundo”, isto é, “o caráter absolutamente imprevisível da relação entre as culturas das humanidades” (Glissant, 1996,

p. 47). Um mapeador, aquele que procura expor algo através de um mapa, aquele que constrói ou confecciona um mapa – e mapa é a representação de um lugar – é, afinal de contas, um errante, um viajante, um *poieta* – não se pode esquecer que é o registro da fabulação que a tudo rege. Ou seja, um mapeador é aquele que inventa, que experimenta, que ensaia... e que “fala com as sombras” (Couto, 2021, p. 11). Seu universo “é pequeno, mas infinito. A poesia não é um gênero literário, é um idioma anterior a todas as palavras” (Couto, 2021, p. 12). Ou, ainda, como se lê na paradigmática epígrafe do capítulo 14 (página 184) que corrobora o registro da fabulação, daquele “mentir verdadeiro” como dirão muitos *poiétas*:

Não é o poeta que é um fingidor.
É o poema que mente:
o que nele se escreve já antes estava escrito.
Adriano Santiago

E que se permita aqui mais um parêntese: não surpreende que outras epígrafes de *O mapeador de ausências* falem no silêncio. Silêncio deste “poeta” que empresta no final das contas sua voz para as palavras que sempre lá estiveram, palavras à espera de serem provadas, experimentadas, sentidas, percebidas mesmo que no próprio corpo, na própria pele – como se pode ler em algumas passagens da narrativa.

No que diz respeito à epígrafe do capítulo 3, a voz extraficcional Mia Couto parece mobilizar o conceito de Lugar – e não de Território que, segundo Glissant (1996, p. 98), é “terrificante” porque totalizante e totalitário – proposto por Mbembe: “não pertencer propriamente a nenhum lugar é ‘próprio do homem’; “Aprender a passar constantemente de um lugar” (Mbembe, 2017, p. 248). Esses lugares são espaço de partilha, de compartilhamento. Aquele mundo, aquela “outra cidade” são povoados pelo “Outro”, pelos outros. Trata-se, afinal, de um “eu” em ruína, de um

“eu” que não tem “casa” e que, por isso mesmo, é rastro de outros, de outros “eus” que habitam, que dividem o mundo, que o concebem e o vivenciam.

Para finalizar, mas sem concluir, enuncie-se aqui algumas notas sobre *Terra sonâmbula*. E para permanecer na proposta hermenêutica mobilizada para a leitura de *O mapeador de ausências*, leia-se as epígrafes que emolduram o volume à página 5:

Se dizia daquela terra que era sonâmbula. Porque enquanto os homens dormiam, a terra se movia espaços e tempos afora. Quando despertavam, os habitantes olhavam o novo rosto da paisagem e sabiam que, naquela noite, eles tinham sido visitados pela fantasia do sonho.

Crença dos habitantes de Matimati

*

O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro.

Fala de Tuahir

Sem dúvida alguma, a primeira epígrafe mobiliza o que, em algumas obras de Glissant, é bastante relevante: a questão da paisagem. Glissant apreende a paisagem como uma personagem ativa da história; não se trata mais apenas de um *décor*, mas de uma persona habitada pelo conceito de Relação. Essa paisagem participa da Relação porque, como parte da natureza, como pedaço de um país, é vista e apreendida pelo olhar humano; a paisagem não é simplesmente natureza, mas integra parte de um conjunto de sentidos escolhido pelo(s) sujeito(s), representado em função de seus referenciais subjetivos e afetivos. Em primeira instância, a paisagem é espaço relacional entre o subjetivo e o objetivo, entre o lugar e o sujeito, entre o Eu e a natureza. Ainda: a paisagem, o sonho, a paisagem sonhada fazem parte daquele motivo do traço, do rastro, elementos que não insularizam/não isolam o sujeito, mas que, antes, projetam-no para frente, para aquele “futuro” de que fala

a epígrafe. Paisagem que acontece para os sujeitos, paisagem sonhada vivida pelo corpo – e o sonho nasce da própria corporeidade do corpo que dorme. Paisagem, sonho que se opõem à concepção do Universal que reduz o real às transparências das verdades, supostas evidentes para todos. Paisagem-sonho que compreende (e emprega-se aqui o verbo propositadamente, pois que, em latim, *comprehendere* quer dizer perceber/tomar em suas mãos/pegar juntos; e igualmente unir, ligar) o imprevisível, o mutável, nem sempre o nomeável, não necessariamente revelável. Paisagem que deve ser apreendida como um rizoma – operador teórico dos mais profícuos, e emprestado por Glissant de Gilles Deleuze e Félix Guattari, isto é, como associações livres, encontros inesperados, imprevisíveis, de diferentes raízes inconscientes que, em determinado momento, fazem emergir um sentido. Paisagem-vagalumes, afinal, por que não dizê-lo, que não está em mapa algum e que aparece como uma fulgurância, como um relampejar que a tudo muda, todos os dias, permitindo aos sujeitos o conhecimento de si, dos outros, do mundo e do estar-no-mundo. Se se aderir à definição de paisagem enunciada por Glissant – paisagem é “a série deliberada de uma relação sempre fugaz” (Glissant, 1996, p. 25) –, não haveria como fugir daquela paisagem que, para os povos escravizados, estará sempre, ainda nos termos de Glissant, “prestes a irromper”, isto é, habitada pela “irrupção, pelos saltos, pelos movimentos bruscos, pela erupção também, talvez pelo real e por muito irreal” (Glissant, 1983, p. 21). É por isso que as paisagens “abrem ao mesmo tempo para uma espécie de desconhecido e em uma espécie de inextricável” (Glissant, 1969, p. 190). Em outras palavras, toda paisagem, quaisquer de seus elementos constitutivos, figuram uma errância, uma viagem, uma travessia onírica, fantasmática, imaginária e, afinal de contas, escritural.

Por sua vez, a segunda epígrafe, já refletida nos modos de se apreender e compreender (no sentido latino, volte-se a insistir) a importância/necessidade das estórias, coloca no centro das preocupações a questão da

viagem, da errância, do deslocamento, do ir-e-vir sem enraizamentos em um lugar que apenas contribuiria para o que se chama, em *Terra sonâmbula*, “sozinho”. O menino Muidinga e o velho Tuahir e o menino Kindzu (dos cadernos) são seres de/em deslocamento ou, como se diz sobre Kindzu, “um homem de viagem” (Couto, 1992, p. 31). Seres habitados pelo movimento, pelo mutável, pelo imprevisível, como a água das ondas que sobem “a duna e rodeiam a canoa” (p.210). É graças à leitura das histórias contidas nos cadernos de Kindzu, que são histórias de Todos, que “começa então a viagem de Tuahir para um mar de infinitas fantasias. Nas ondas estão escritas mil histórias, dessas de embalar as crianças do inteiro mundo” (Couto, 1992, p. 210-211).

Histórias de Todos semeadas pelas letrinhas que são costuradas pelos sonhos de Todos. É como se lê na bela passagem final de *Terra sonâmbula*:

Me apetece deitar, me anichar na terra morna. Deixo cair ali a mala onde trago os cadernos. Uma voz interior me pede que não pare. É a voz de meu pai que me dá força. Venço o torpor e prossigo ao longe da estrada. Mais adiante segue um miúdo com passo lento. Nas suas mãos estão papéis que me parecem familiares.. Me aproximo e, com sobressalto, confirmo: são os meus cadernos [...] De sua mão tombam os cadernos. Movidas por um vento que nasce não do ar mas do próprio chão, as folhas se espalham pela estrada. Então, as letras, uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos os meus escritos se vão transformando em páginas de terra (Couto, 1992, p. 220).

Histórias que não dividem, que não separam; histórias que não encerram o sujeito em si próprio; histórias que, em vez de construir “fortalezas” – para voltar a um termo enunciado na conferência aqui citada de Mia Couto – deixam as águas dos rios fluírem pois “nenhum rio separa, antes costura os destinos dos vivos” (Couto, 1992, p. 96)⁴. Histórias que inventam terras

⁴ A passagem final de *Terra sonâmbula* que lemos me fez pensar na epígrafe que emoldura outro texto de Mia Couto, aquele intitulado *O fio das missangas*: “A missanga, todos a vêm./ Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas./ Também assim é a voz do

“onde todos cabiam nela” (Couto, 1992, p. 27); histórias de “homens que não têm raça” – pois, lembre-se com Glissant, a racialização apenas separa, divide os homens fazendo de cada qual, na maioria das vezes, uma ameaça, um inimigo. Em *Terra sonâmbula*, à semelhança do que se leu em *O mapeador de ausências*, o que se impõe é o pensamento de que a ideia de raça serve para hierarquizar e subalternizar – mesmo aquela de “negritude”; o que se impõe é um apelo para que se vá para além da noção de sujeitos racializados; o que se impõe é, pois, e ouça-se aqui mais uma vez Glissant, é a criouliização do mundo que reinventa e cria um mundo novo, um mundo porvir. Que se ouça ainda Mbembe, que apregoa a perspectiva de uma “humanidade por vir, aquela que deve advir da abolição das figuras coloniais do inumano e da diferença racial” (Mbembe, 2014, p. 68). Em *Terra sonâmbula* e em *O mapeador de ausência* todos são moçambicanos... pouco importam suas pertencas culturais, linguísticas, raciais, étnicas etc.

Enfim, e agora efetivamente para encerrar. Leia-se, em *Terra sonâmbula*, a poética história do boi que se transforma em uma garça, conforme outra história intercalada na narrativa, desta feita proferida por um “pequeno pastor” que conta uma história para Muidinga:

— Semana passada faleceu um boi, cujo esse boi era o maior de todos.

Assim desfia o menino seu relato. Havia, entre sua manada, um muito triste boizarrão. De manhã até de noite o bicho boiava em rasteira solidão, esquecido de si, dos capinzais e das obrigatórias ruminações. Seus olhos felpudos seguiam todas distrações. Tudo lhe era pretexto, fosse o estremecer de uma sombra, fosse o farfalhar de uma borboleta tricotando seu voo. O pastorzinho se agastava: que doença estaria a consumir o animal? E se decidiu a segui-lo, de luz a lés. Foi então que reparou que o bicho se prendia na visão de uma dada e considerada garça. A ave pernalteava-se, se juntava às nuvens, suas gémeas: sempre e sempre a atenção do boi nela se centrava. O ruminante se imobilizava, impedido. O pastor chambocava o bovino a ver se ele se manadeava. O varapau,

poeta:/um fio de silêncio costurando o tempo” (Couto, 2009, epígrafe).

vuuum-ntáa, estalava nos costados. Nem valia a pena. Pois ele sabudia os lentos cornos e seguia, de impossível, impassível. Sem nenhum comer, o bicho desfinhava-se [...] Certa noite, ao juntar suas migalhas, o pastor viu aquilo que duvidava de contar. Pois que o boi esticava o pescoço para a lua e declamava mugidos que nunca foram ouvidos. De repente, se agitou todo seu corpo, o bicho parecia estar em parto de si mesmo. De sua garganta se afilaram os gemidos que se foram vertendo, creia-se, num cantarilhar de ave. Às duas por uma, ele começou a minguar, pequenando-se de taurino para bezerro, de bezerro para gato chifrudo. Em violentos arrepios se sacudiu e os pêlos, aos tufos, foram caindo. No igual tempo lhe surgiam plumas brancas. Em instantes, o mamífero fazia nascer de si uma ave, profundamente garça.

O recente pássaro, então, percorreu o redor, procurando não se sabe qual quê com seu olhar em seta. Até que, de súbito, se vislumbrou uma outra garça, essa mesma que lhe fazia, enquanto boi, demorar o coração. E o transfigurado mamífero acorreu em volejos, se chegando à autêntica ave. Dançou em repentinos saltos, as pernas de nervosa altura, como se estivessem a soletrar os primeiros passos. A terra parecia demasiado pesada para aquele habitante dos céus. Ali ficaram os recíprocos dois, em namoro despregados, soltando brancas fulgurações.

O pastor se garantiu que assim aconteci todas as noites de luar cheio. No roçar da aurora, o boi regressava à condição de tristonho quadripedestre. Sucedeu um ano, contudo, que por meses seguidos, a lua teimou em não sair. Por tempos consecutivos, as noites se velaram, escuras, viscosas. O boi percorria as nocturnas horas se mantendo boi, mugindo como as acabrunhadas xipalapalas. Morreu na trigésima noite. O pastor assistira a sua lenta agonia e jura ter visto lágrimas deflagrando nos redondíssimos olhos do bicho (Couto, 1992, p. 191-192).

Uma série de interrogações aqui se impõe. O que faz essa história senão apontar para aquele devir, para aquele porvir de que tanto já se falou? Não se trata mais de um devir relativo ao humano, mas a todo vivente que habita o mundo. O que faz essa história senão romper até mesmo com as fronteiras entre o que é ser animal, o que é ser ave, o que é simplesmente ser? O que faz essa história, e retome-se a conferência de Mia Couto, senão contar sobre a “alteridade” que existe dentro de cada um e de todos? O que faz essa história, e a conferência de Mia Couto já o disse, senão nos “reconciliar com estes que vivem dentro de nós”? Mesmo que isso leve à morte, mas nunca à

morte de/das fábulas. A fábula do devir-garça do boi deveria ser aquela de toda a Humanidade, de todo Vivente, prontos para perder-se de si para se “reencontrar no outro”, vale repetir ainda uma vez Mia Couto.

Referências

COUTO, Mia. *Ofio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COUTO, Mia. *O mapeador de ausências*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

COUTO, Mia. *Repensar o pensamento*. Entrevistas. 29 de maio de 2015. Disponível em: www.miacouto.org. Acesso em: 26 jan. 2024.

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vagalumes*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

GLISSANT, Édouard. *Le sang rive / préface de Jacques Berque*. Paris: Gallimard, 1983.

GLISSANT, Édouard. *L'intention poétique*. Paris: Editions du Seuil, 1969.

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite*: ensaio sobre a África descolonizada. Luanda: Mulemba, Mangualde: Pedago, 2014.

PASOLINI, Pier Paolo. O vazio do poder na Itália [artigo dos vagalumes]. *Escritos corsários*. São Paulo: Editora 34, 2020.

Submissão: 05/02/2024
Aceite: 03/07/2024

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2024.e98406>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*